

# JULIO CORTÁZAR

7

8

Prefácio de  
José Luís Peixoto

## O JOGO DO MUNDO (RAYUELA)

3

2

1



cavalo de ferro

## Prefácio dispensável

2008 menos 1963 é igual a 45.

Foram necessários 45 anos para que Rayuela, de Cortázar, chegasse a ter uma edição portuguesa, esta edição. Se considerarmos que se trata do livro incontornável de um autor incontornável na literatura do século xx, é fácil constatar que 45 anos é uma espera demasiado grande. E, no entanto, esse foi o tempo necessário para que Rayuela chegasse a ser *O Jogo do Mundo*, o livro que tem neste momento em mãos. Parece-me que todas as editoras portuguesas, desde 1963 até aos nossos dias, deveriam sentir algum embaraço (pelo menos) perante este facto.

Foneticamente, Rayuela é uma palavra que rola pelo interior da boca, como um doce que se desfaz, mas é também verdade que *O Jogo do Mundo* é um bom compromisso para um título que não é fácil de traduzir em todas as suas tonalidades. De um modo literal, «rayuela» significa «jogo da macaca», esse jogo no qual se atira um seixo e se salta ao pé coxinho. Presumo que a rejeição deste título literal tenha a ver com o facto de a macaca, ela própria, não ter nenhuma ligação com a obra em questão. Já a ideia e a imagem desse jogo estão ligadas a um aspecto que talvez seja o mais referido quando se fala deste livro: a sua forma.

No seu início, o leitor encontra uma «tábua de orientação» que sinaliza dois modos de ler este texto de Cortázar. Hoje, 45 anos depois, já é possível acrescentar que, para além das possibilidades indicadas pelo autor, têm sido sugeridas várias outras. Este é um livro que, em nenhum momento, minimiza o seu leitor, facilitando-lhe o que quer que seja. Este é um livro que convoca cada leitor para dentro de si, que o solta num labirinto sem

lhe indicar a real saída, nem sequer se existe mesmo uma saída. O facto de não haver uma ordem única de leitura é um convite ao leitor intrépido para que arrisque encontrar os seus próprios caminhos nesta obra. Assim como o terá de fazer nesse jogo que, como indica o título português, é o mundo, é a vida. Isto porque é a própria vida que nos é apresentada de um lado e de outro. A vida, para a qual não existe qualquer «tábua de orientação». Não creio que esteja a revelar demasiado se disser que é também assim que Horacio Oliveira, o protagonista, sente as imagens e as ideias que flutuam diante de si, consigo. O caos em luta permanente com a ordem: vitórias para ambos os lados.

De notar que, anteriormente, quando escrevi «livro incontornável de um autor incontornável na literatura do século XX» (frase citável na contracapa), não utilizei o termo «romance». Essa omissão não foi feita por não acreditar que, entre os géneros que existem, esse não é o mais adequado para localizar esta obra, mas por me parecer que estamos em presença de um texto que ultrapassa essa caracterização, que poderia induzir a tentação de simplificar aquilo que não é simples.

Com a ajuda de alguns verbetes de enciclopédia, seria fácil concluir que se trata de um texto puramente experimentalista. Nada mais errado. Como em todos os grandes livros, existe a procura do novo, mas aquilo que se alcança não é uma imagem da própria experimentação, aquilo que se alcança é o contemporâneo que, a avaliar pelos 45 anos de vida que já tem, continua e continuará sempre a ser contemporâneo. As meditações, as discussões filosóficas e literárias, frequentes nestas páginas, são de uma actualidade feroz. Além disso, este *O Jogo do Mundo* é, também, um livro de prazeres literários tradicionais, como sejam aqueles que advêm de uma caracterização muitíssimo rica das personagens e dos lugares, de uma linguagem variada e imaginativa, com excelentes diálogos e um domínio extraordinário do simbólico e do metafórico. Mas ninguém que conheça a excelência dos contos de Cortázar se poderá surpreender com a mestria que demonstra nesta longa múltipla unidade – se me é permitido o paradoxo. Reparo agora que ainda não escrevi sufi-

cientes frases de possível citação na contracapa. Aqui deixo outra, em relação à qual não tenho quaisquer dúvidas: estamos na presença de um dos mais importantes livros escritos na segunda metade do século xx.

Na já referida «tábua de orientação», o autor sugere uma leitura que exclui um número considerável de fragmentos do livro, acrescentando: «o leitor prescindirá de ler o que se segue sem grandes remorsos». Pela minha parte, a partir do lugar onde me encontro, nunca saberia como considerar dispensável a leitura dessas páginas. Já este prefácio nunca teve a intenção de não o ser. Quem não o tiver lido, seguirá sem remorsos grandes ou pequenos por tudo o que aí vêm. Talvez este prefácio se destine àquele que está na livraria, na biblioteca e tenta decidir se, entre todos os livros, deverá ler este livro. Se for assim, a esse potencial leitor indeciso este prefácio quer dizer: sim, deve ler este livro.

Mais nada. O indispensável começa depois desta última palavra.

José Luís Peixoto

## Tábua de orientação

À sua maneira, este livro é muitos livros, mas é sobretudo dois livros. O leitor fica desde já convidado a *escolher* uma das seguintes possibilidades:

O primeiro livro pode ler-se da mesma forma como habitualmente se lêem os livros e termina no capítulo 56, onde se encontrarão três vistosas estrelas que correspondem à palavra *FIM*. Como tal, o leitor prescindirá de ler o que se segue sem grandes remorsos.

O segundo livro pode ler-se a partir do capítulo 73, bastando seguir a ordem indicada no final de cada capítulo. Em caso de confusão ou esquecimento, bastará consultar a seguinte lista:

73 - 1 - 2 - 116 - 3 - 84 - 4 - 71 - 5 - 81 - 74 - 6 - 7 - 8  
93 - 68 - 9 - 104 - 10 - 65 - 11 - 136 - 12 - 106 - 13 - 115  
14 - 114 - 117 - 15 - 120 - 16 - 137 - 17 - 97 - 18 - 153 - 19  
90 - 20 - 126 - 21 - 79 - 22 - 62 - 23 - 124 - 128 - 24 - 134  
25 - 141 - 60 - 26 - 109 - 27 - 28 - 130 - 151 - 152 - 143  
100 - 76 - 101 - 144 - 92 - 103 - 108 - 64 - 155 - 123 - 145  
122 - 112 - 154 - 85 - 150 - 95 - 146 - 29 - 107 - 113 - 30  
57 - 70 - 147 - 31 - 32 - 132 - 61 - 33 - 67 - 83 - 142 - 34  
87 - 105 - 96 - 94 - 91 - 82 - 99 - 35 - 121 - 36 - 37 - 98  
38 - 39 - 86 - 78 - 40 - 59 - 41 - 148 - 42 - 75 - 43 - 125  
44 - 102 - 45 - 80 - 46 - 47 - 110 - 48 - 111 - 49 - 118 - 50  
119 - 51 - 69 - 52 - 89 - 53 - 66 - 149 - 54 - 129 - 139 - 133  
140 - 138 - 127 - 56 - 135 - 63 - 88 - 72 - 77 - 131 - 58 - 131.

Com o objetivo de facilitar a rápida localização dos capítulos, a numeração vai-se repetindo no alto das páginas correspondentes a cada um deles.

*E encorajado pela esperança de ser particularmente útil à juventude e de contribuir para a reforma geral dos costumes em geral, reuni a presente colecção de máximas, conselhos e preceitos, base por excelência daquela moral universal que é tão própria à felicidade espiritual e temporal dos homens de qualquer idade, estado e condição, assim como à prosperidade e à boa ordem, não apenas da república civil e cristã em que vivemos, mas de qualquer outra república ou governo sobre a qual os filósofos mais especulativos e profundo da nossa urbe queriam discorrer.*

*Espírito da Bíblia e Moral Universal*, retirada do Antigo e do Novo Testamento. Escrito em toscano pelo abade Martini com as citações anotadas em baixo:

Traduzido para o castelhano por um Clérigo Regular da Congregação de San Cayetano desta Corte. Com licença. Madrid: por Aznar, 1797.

*Sempre que chega o tempo fresco, ou seja, a meio do Outono, passam-me pela cabeça ideias de tipo echêntrico e esótico, como por ezenplo tornar-me uma andorinha para poder voar para os países onde está mais calor, ou de ser formiga, para poder enfiar-me bem dentro de uma cova e comer os alimentos armazenados durante o Verão ou de ser uma bívora como as do soológico, onde as têm bem guardadas numa jaula de vidro aquecida para que não fiquem duras de frio, que é o que acontece aos pobres seres humanos, que não podem comprar roupa de tão cara questá, nem podem aquecer-se por causa da falta de querosene, carvão, lenha, petróleo, e essencialmente por causa da falta de massa, porque quando alguém anda cheio dela pode dar-se ao luxo de entrar em qualquer tasca para beber uma boa grappa e é ver enquanto aquece, ainda que convenha não abusar, porque do abuso vem o víssio e do víssio a degeneração tanto do corpo como das taras moral de cada um, e quando alguém se vem abaixo pela suspensa e fatal falta de condupta moral em todo o sentido, já ninguém nem ninguéns o livra de acabar no mais espantoso caixote de lixo do desprastíjio humano, e nunca lhe darão uma mão se entenderá para o resgatar da lama imunda na qual se rebolve, nem mais nem menos do que se fosse um condoR que quando jovem soube correr e voar pelo cume das altas montanhas, mas que ao envelhecer caiu prabaixo como um bombardeiro em voo picado ao qual falha o motor moral. Oxalá o que estou a escrever sirva pralgum tomar atenção ao seu comportamento e para não sarrepende quando for demasiado tarde e já tudo tenha ido pró badano por sua própria culpa!*

CÉSAR BRUTO, *O que eu gostaria de ser se não fosse o que sou* (capítulo Cão de São Bernardo).



## DO LADO DE LÁ

*Rien ne vous tue un homme comme d'être obligé  
de représenter un pays.*

JACQUES VACHÉ, *Carta a André Bréton.*

# 1

Encontraria a Maga? Vindo da rue de Seine, tantas vezes me tinha bastado passar pelo arco que dá para o Quai de Conti para avistar, assim que a luz cor de cinza e azeitona que flutua sobre o rio me permitia distinguir as formas, a sua silhueta esguia sobre a Pont des Arts, ora a andar de um lado para o outro, ora imóvel sobre o parapeito de ferro, debruçada para a água. E como era natural atravessar a rua, subir as escadas que dão para a ponte, entrar na sua cintura estreita e aproximar-me da Maga, que sorria sem surpresa, convencida como eu de que um encontro casual era a menor casualidade das nossas vidas e que as pessoas que marcam encontros a horas precisas são as mesmas que necessitam de papel pautado para se escreverem ou que apertam o tubo da pasta de dentes desde o fundo.

Mas agora ela não estaria na ponte. A sua face delicada de pele translúcida andaria a espreitar para lá dos velhos portões do gueto do Marais: talvez estivesse a falar com uma vendedora de batatas fritas ou a comer uma salsicha quente no Boulevard de Sébastopol. De qualquer das formas subi até à ponte, e a Maga não estava lá. Agora a Maga não estava no meu caminho, e ainda que conhecêssemos as nossas casas, cada canto dos nossos dois quartos de falsos estudantes em Paris, cada postal a abrir uma janelinha Braque, Ghirlandaio ou Max Ernst nas molduras baratas e em paredes de cores berrantes, nunca nos procurávamos um ao outro por lá. Preferíamos encontrarmo-nos na ponte, na esplanada de um café, num cineclubes, ou agachados junto a um gato nalgum pátio mais escondido do Quartier Latin. Andávamos sem nos procurarmos, mas sabendo que andávamos

1 para nos encontrarmos. Oh Maga, em cada mulher parecida contigo acumulava-se uma espécie de silêncio ensurdecedor, uma pausa afiada e cristalina que acabava por se desmoronar tristemente, como um guarda-chuva molhado que se fecha. Justamente um guarda-chuva, Maga, talvez te lembrasses daquele velho guarda-chuva que nós sacrificámos num barranco do Parc Montsouris num final de tarde gelado de Março. Deitámo-lo fora porque o tinhas encontrado na Place de la Concorde já ligeiramente estragado e usaste-o muitíssimo, sobretudo para enfiá-lo nas costelas das pessoas no metro e nos autocarros, desajeitada e distraída como sempre e a pensar em pintainhos ou num desenho que duas moscas faziam no tecto do carro, e naquela tarde caiu uma chuvada e tu, orgulhosa, quiseste abrir o teu guarda-chuva quando entrámos no parque, e na tua mão formou-se uma catástrofe de relâmpagos frios e nuvens negras, de pedaços de pano rasgado que caíam por entre as faíscas das varetas desencaxadas, e nós a rirmo-nos como loucos à medida que íamos ficando ensopados. Pareceu-nos que um guarda-chuva encontrado numa praça deveria morrer condignamente num parque, que não podia entrar no ciclo ignóbil do caixote do lixo ou da sarjeta; então eu enrolei-o o melhor que pude, levámo-lo até ao cimo do parque, perto da pequena ponte sobre o caminho-de-ferro, e atirei-o de lá com todas as minhas forças para o fundo do barranco de relva molhada enquanto tu lançavas um grito no qual me pareceu reconhecer vagamente uma maldição de valquíria. E no fundo do barranco se afundou, como um barco que sucumbe à água verde, à água verde e atormentada, à *la mer qui est plus félonesse en été qu'en hiver*, à onda pérfida, Maga, de acordo com as descrições que fizemos durante tanto tempo, apaixonados por Joinville e pelo parque, abraçados e semelhantes a árvores molhadas ou a actores de cinema de algum filme húngaro miserável. E ali ficou entre a relva, mínimo e negro como um insecto esmagado. E não se mexia, nenhuma das suas varetas se abria como antes. Terminado. Acabou-se. Oh Maga, e nós não estávamos contentes.

O que é que eu tinha vindo fazer à Pont des Arts? Parece-me que, naquela quinta-feira de Dezembro, tinha pensado atra-

vessar para a margem direita e ir beber vinho no cafezinho da rue des Lombards onde *madame* Léonie me lia a palma da mão e me anunciava viagens e surpresas. Nunca te levei a *madame* Léonie para que ela te lesse a palma da mão, talvez receasse que ela lesse na tua mão alguma verdade sobre mim, porque tu foste sempre um espelho terrível, uma espantosa máquina de repetições, e aquilo a que chamamos amar-nos talvez tenha sido eu de pé, diante de ti, com uma flor amarela na mão enquanto tu seguravas duas velas verdes e o tempo soprava uma chuva lenta de renúncias, despedidas e bilhetes de metro contra as nossas faces. De maneira que nunca te levei a *madame* Léonie, Maga; e sei, porque tu mo disseste, que não gostavas que eu te visse entrar na pequena livraria da rue de Verneuil, onde um velhote sempre ocupado faz milhares de verbetes e sabe tudo o que se pode saber sobre historiografia. Ias até lá brincar com um gato, e o velho deixava-te entrar e não fazia perguntas, satisfeito por às vezes lhe alcançares algum livro das estantes mais altas. E aquecias-te na sua salamandra com um grande cano negro e não gostavas que eu soubesse que ias aquecer-te junto dessa salamandra. Mas tudo isto devia ser dito no momento certo se não fosse tão difícil definir o momento de uma coisa, e ainda agora, debruçado sobre a ponte, vendo passar uma barcaça cor de vinho, lindíssima como uma grande barata reluzente de limpeza, com uma mulher de avental branco que pendurava roupa no arame da proa, observando as suas janelas pintadas de verde com cortinas Hansel e Gretel, ainda agora, Maga, continuava a perguntar-me se este desvio fazia sentido, já que para chegar à rue des Lombards ter-me-ia sido mais fácil atravessar a Pont Saint Michel e a Pont au Change. Porém, se estivesse estado lá nessa noite tal como tantas outras vezes, eu teria compreendido que o desvio tinha um sentido, e agora, pelo contrário, denegria o meu fracasso, chamando-o desvio. Era questão, depois de subir a gola da canadiana, de seguir pelos cais até chegar à zona dos grandes armazéns que acaba em Chatelet, passar por baixo da sombra violeta da Tour Saint-Jacques e subir pela minha rua, pensando que não te tinha encontrado e em *madame* Léonie.

1 Sei que um dia cheguei a Paris, sei que andei uns tempos a viver do que me era emprestado, a fazer o que os outros fazem e a ver o que os outros vêem. Sei que estavas a sair de um café da rue du Cherche-Midi e que conversámos. Nessa tarde, correu tudo mal, porque os meus hábitos argentinos me impediam de atravessar continuamente de um passeio para o outro para observar as coisas mais insignificantes nas montras mal iluminadas de umas ruas de que já nem sequer me lembro. Nessa altura segui-te de má vontade, achei-te petulante e malcriada, até que te cansaste de não estar cansada e nos enfiámos num café do Boul'Mich', e de repente, entre dois *croissants*, contaste-me uma grande parte da tua vida.

Como poderia eu suspeitar que aquilo que parecia tanto uma mentira era verdadeiro, um Figari<sup>[1]</sup> com lilases do anoitecer, com caras lívidas, com fome e espancado dos lados? Mais tarde acreditei em ti, mais tarde houve razões para isso, houve *madame* Léonie que, ao ler a mão que tinha dormido sobre os teus seios, quase repetiu as tuas palavras. «Ela sofre algures, sempre sofreu. É muito alegre, adora o amarelo, o seu pássaro é o melro, a sua hora é a noite, a sua ponte a Pont des Arts.» (Uma barça cor de vinho, Maga, e por que foi que não partimos nela enquanto ainda era tempo.)

Repara que ainda mal nos conhecíamos e já a vida urdia o necessário para nos desencontrar minuciosamente. Como não sabias fingir, apercebi-me num instante que para te ver como eu queria era necessário começar por fechar os olhos, e então primeiro coisas como estrelas amarelas (movendo-se numa geleia de veludo), depois saltos vermelhos do humor e das horas, entrada paulatina num mundo-Maga que era a falta de jeito e a confusão, mas também fetos com a assinatura da aranha Klee, o circo Miró, os espelhos de cinza Vieira da Silva, um mundo onde te movias como um cavalo de xadrez que se move como uma torre que se move como um bispo. E então por esses dias íamos aos cineclubes ver filmes mudos, porque eu com a minha cul-

---

[1] Figari (1861-1938) – Escritor e pintor uruguaio. (*N. do T.*)

tura, não é, e tu, coitada, não percebias absolutamente nada daquela estridência amarelada e agitada anterior ao teu nascimento, daquela emulsão estriada pela qual os mortos corriam; porém, de repente Harold Lloyd passava por ali, e nessa altura sacudias a água do sonho, e no final ficavas convencida de que era tudo muito bom, e que Pabst, e que Fritz Lang. Cansavas-me um pouco com a tua mania da perfeição, com os teus sapatos rotos, com a tua relutância em aceitar o aceitável. Comíamos hambúrgueres no Carrefour de l'Ódeon e íamos de bicicleta até Montparnasse, para qualquer hotel, para qualquer almofada. No entanto, outras vezes continuávamos até à Porte d'Orléans, conhecíamos cada vez melhor a zona de terrenos baldios que está para lá do Boulevard Jourdan, onde às vezes os do Clube da Serpente se juntavam à meia-noite para falarem com um vidente cego, paradoxo estimulante. Deixávamos as bicicletas na rua e avançávamos pouco a pouco, parando para olhar o céu, porque essa é uma das poucas zonas de Paris onde o céu vale mais do que a terra. Sentados num grande monte de lixo, fumávamos durante um bocado, e a Maga acariciava-me o cabelo ou trauteava melodias ainda por inventar, melopeias absurdas e interrompidas por suspiros ou recordações. Eu aproveitava para pensar em coisas inúteis, algo que tinha começado a fazer há alguns anos num hospital e que me parecia cada vez mais fecundo e necessário. Com um esforço enorme, e reunindo imagens acessórias, cheiros e caras, conseguia extrair do nada um par de sapatos castanhos que tinha usado em Olavarría, em 1940. Tinham tacões de borracha e umas solas muito finas, e quando chovia a água entrava-me até à alma. Com esse par de sapatos nas mãos da memória, o resto vinha por si: a cara de dona Manuela, por exemplo, ou o poeta Ernesto Morroni. Porém eu afastava-os, porque o jogo consistia em recuperar somente o insignificante, o insustentável, o desaparecido. Tremendo por não ser capaz de lembrar-me, atacado pela traça que propõe o adiamento, imbecil à força de beijar o tempo, acabava por vislumbrar ao lado dos sapatos uma pequena lata de chá *Solque* a minha mãe me tinha oferecido em Buenos Aires. E a pequena colher para o chá, co-

1 lher-ratoeira onde as ratazanas negras eram queimadas vivas na água da taça, fazendo bolhas estridentes. Convencido de que a memória tudo guarda e não apenas as Albertinas e as grandes efemérides do coração e dos rins, obstinava-me em reconstruir o conteúdo da minha mesa de trabalho na Floresta, a cara de uma rapariga imemorável chamada Gekrepten, a quantidade de canetas *cucharita* que havia na minha caixa de utensílios do quinto ano, e acabava desesperado e a tremer de tal maneira (porque nunca fui capaz de lembrar-me dessas canetas *cucharita*, sei que estavam na caixa de utensílios, num compartimento especial, mas não me lembro de quantas eram, nem consigo precisar o momento exacto em que seriam duas ou seis) até que a Maga, beijando-me e deitando sobre a minha cara o fumo do cigarro e o seu hálito quente, me resgatava e nos ríamos, recomeçando novamente a caminhar por entre os grandes montes de lixo à procura dos do Clube. Já então me tinha dado conta de que o meu destino era procurar, divisa dos que saem durante a noite sem um propósito exacto, justificação dos assassinos de bússolas. Tinha falado com a Maga de patafísica até à exaustão, porque a ela também lhe acontecia (e o nosso encontro era isso, e tantas coisas obscuras como o fósforo) cair continuamente nas excepções, ver-se metida em contextos que não eram os de toda a gente, e isto sem menosprezar ninguém, sem que nos pensássemos Maldorores a preço de saldo ou Melmoths privilegiadamente errantes. Não me parece que o pirilampo extraia grande vantagem do facto incontornável de ser uma das maravilhas mais fenomenais deste circo, e no entanto basta supor nele uma consciência para compreender que, sempre que a sua barriga se acende de luz, ele deve sentir uma espécie de sensação de privilégio. Da mesma forma, a Maga andava fascinada com os problemas inverosímeis em que andava sempre metida por causa do fracasso das leis na sua vida. Ela era das que destroem pontes apenas por atravessá-las, das que se lembram aos gritos e em lágrimas de terem visto numa montra o número da lotaria que tinha acabado de ganhar cinco milhões. Quanto a mim, já me tinha habituado a que me acontecessem coisas modestamente

excepcionais, e não me parecia assim tão horrível entrar num quarto às escuras para escolher um disco e sentir o movimento do corpo vivo de uma centopeia gigante que tinha decidido dormir sobre a capa do disco na minha mão. Isso, e encontrar grandes pedaços de algodão cinzento ou verde dentro de um maço de cigarros, ou ouvir o silvar de um comboio exactamente no momento e no tom necessários para se integrar *ex officio* numa passagem de uma sinfonia de Ludwig van, ou ainda entrar numa *pissotière* da Rue de Médicis e ver um homem que urinava aplicadamente até ao momento em que, afastando-se do seu compartimento, se virava para mim e me mostrava um membro de dimensões e cores incríveis, amparando-o na palma da mão como um objecto litúrgico e precioso, e nesse preciso instante eu dar-me conta de que esse homem é exactamente igual a outro (ainda que não fosse esse outro) que, vinte e quatro horas antes, dissertara na *Salle de Géographie* sobre tótemes e tabus, exibindo ao público, amparados de forma cuidadosa na palma da sua mão, bastões de marfim, penas de ave-lira, moedas rituais, fósseis mágicos, estrelas-do-mar, peixes secos, fotografias de concubinas reais, dádivas de caçadores e enormes escaravelhos embalsamados que fizeram tremer de assustada delícia as inausentes senhoras.

Enfim, não é fácil falar da Maga, que a esta hora anda seguramente por Belleville ou por Pantin a investigar o chão em detalhe até encontrar um pedaço de tecido vermelho. Se não o encontrar, vai continuar assim toda a noite, procurará nos caixotes de lixo, os olhos vítreos, convencida de que algo de horrível lhe vai acontecer se não encontrar essa peça de resgate, o sinal do perdão ou do adiamento. Sei o que isso é porque também obedeço a esses sinais, também há alturas em que me toca a mim encontrar pano vermelho. Desde a infância que assim que algo se me escapa para o chão tenho que apanhar esse objecto, seja ele qual for, porque se não o fizer vai acontecer uma desgraça, não a mim, mas a alguém que eu amo e cujo nome começa pela inicial do objecto caído. O pior é que nada me pode deter quando algo me cai ao chão, nem pode ser outra pessoa a



1 apanhar o objecto, porque a maldição se cumpriria na mesma. Passei muitas vezes por louco por causa disto, e a verdade é que enlouqueço quando o faço, quando me precipito para o chão para apanhar um lápis ou um pedaço de papel que se me escapa da mão, como na noite do torrão de açúcar no restaurante da rue Scribe, um restaurante finório e uma clientela de gerentes, putas de peles de raposa prateada e casamentos bem organizados. Estava com Ronald e Etienne e caiu-me um torrão de açúcar das mãos que foi parar debaixo de uma mesa bastante distante da nossa. A primeira coisa que me chamou a atenção foi a forma como o torrão se afastou, porque normalmente os torrões de açúcar páram assim que chegam ao chão por razões paralelepipedicas evidentes. Porém, este comportou-se como se fosse uma bola de naftalina, o que aumentou a minha apreensão, e cheguei a pensar que mo tinham realmente arrancado da mão. Ronald, que me conhece, viu onde tinha ido parar o torrão e desatou a rir-se de imediato. Isso deu-me ainda mais medo, misturado com alguma raiva. Um empregado aproximou-se, pensando que eu tinha perdido alguma coisa valiosa, uma *Parker* ou uma dentadura postiça, e na verdade tudo o que fazia era estorvar-me, então atirei-me para o chão sem pedir licença e comecei a procurar o torrão de açúcar por entre os sapatos das pessoas, cada vez mais curiosas e pensando (com razão) que se tratava de alguma coisa importante. Na mesa estava uma loura gorda, outra menos gorda mas igualmente putéfia e dois gerentes ou algo assim. A primeira coisa que fiz foi dar-me conta de que o torrão não estava à vista, isto quando eu o tinha visto saltar até aos sapatos (que se remexiam inquietos como galinhas). Para piorar as coisas, o chão estava alcatifado, e ainda que a alcatifa estivesse nojenta de tão usada que estava, o torrão tinha-se escondido entre os pêlos e eu não conseguia encontrá-lo. O empregado atirou-se para o chão do outro lado da mesa, e éramos já dois quadrúpedes a remexer-nos por entre os sapatos-galinha que, lá em cima, começavam a cacarejar como loucas. O empregado continuava convencido de procurar uma *Parker* ou um Luís de ouro e quando estávamos bem enfiados debaixo da mesa, numa espé-

cie de intimidade e penumbra e ele me perguntou o que era que eu andava à procura e eu respondi, fiz uma cara que era de pulverizar com fixador, mas eu não tinha nenhuma vontade de rir, o medo tinha-me fechado a boca do estômago a chave dupla, e no final fiquei verdadeiramente desesperado (o empregado tinha-se levantado, furioso) e desatei a agarrar os sapatos das mulheres para ver se o torrão de açúcar não estaria escondido debaixo do arco da sola, e as galinhas cacarejavam, e os galos gerentes picavam-me o dorso, e eu ouvia as gargalhadas de Ronald e de Etienne enquanto avançava de uma mesa para a outra até que acabei por encontrar o torrão escondido atrás de uma pata Segundo Império. E toda a gente estava furiosa, até eu, com o açúcar esmagado na palma da mão, sentindo como ele se misturava com o suor da minha pele, como se desfazia repugnantemente numa espécie de vingança pegajosa, este género de episódios todos os dias. 1

(-2)

## 2

Aqui primeiro tinha sido como uma sangria, um açoite de uso interno, uma necessidade de sentir o maldito passaporte de capa azul no bolso do casaco, a chave do hotel bem segura no prego do chaveiro. O medo, a ignorância, o deslumbramento: isto chama-se assim, isto pede-se assim, agora essa mulher vai sorrir, para lá dessa rua começa o Jardin des Plantes. Paris, um postal com um desenho de Klee ao lado de um espelho sujo. A Maga tinha surgido uma tarde na rue du Cherche-Midi, quando vinha a minha casa da rue de la Tombe Issoire trazia sempre uma flor, um postal de Klee ou de Miró, e quando não tinha dinheiro escolhia uma folha de plátano no parque. Nessa altura eu recolhia arames e caixotes vazios pelas ruas durante a madrugada para fabricar coisas móveis, perfis que rodavam sobre as chaminés, máquinas inúteis que a Maga me ajudava a pintar. Não estávamos apaixonados, fazíamos amor com um virtuosismo desapegado e crítico, mas depois caíamos em silêncios terríveis e a espuma nos copos de cerveja convertia-se em algo como restos de linho, enfraquecia e contraía-se enquanto nós nos olhávamos e sentíamos que isso era o tempo. A Maga acabava por levantar-se e dar voltas inúteis pelo quarto. Mais de uma vez a vi admirar o seu corpo ao espelho, tomar os seios nas mãos como as estatuetas sírias e passar os olhos pela pele numa lenta carícia. Nunca consegui resistir ao desejo de chamá-la para junto de mim, senti-la cair pouco a pouco sobre o meu corpo, desdobrando-se uma vez mais depois de ter estado por instantes tão só e apaixonada face à eternidade do seu corpo.

Por essa altura não falávamos muito de Rocamadour, o prazer era egoísta e surpreendia-nos a gemer com a sua face es-

treita, atava-nos com as suas mãos cheias de sal. Cheguei a aceitar a desordem da Maga como a condição natural de cada instante: passávamos da evocação de Rocamadour a um prato de sopa requentado, misturando o vinho, a cerveja e a limonada, descendo até à rua para que a velha da esquina nos arranjasse duas dúzias de ostras, tocando melodias de Schubert e prelúdios de Bach no piano desafinado de *madame* Noguet ou suportando *Porgy and Bess* com bifos grelhados e pepinos salgados. A desordem em que vivíamos, isto é, a ordem segundo a qual um bidé se vai convertendo natural e paulatinamente em arquivo de discos e de correspondência por responder, parecia-me uma disciplina necessária, ainda que não quisesse dizê-lo à Maga. Tinha-me levado muito pouco tempo a compreender que não havia por que apresentar a problemática da realidade em termos metódicos à Maga; o elogio da desordem tê-la-ia chocado tanto como a sua denúncia. Para ela não havia desordem, soube-o no mesmo momento em que vi o conteúdo da sua mala (foi num café da rue Réamur, chovia e nós começávamos a desejar-nos), e depois de ter reparado nesse detalhe, eu aceitei-o e favoreci-o; a minha relação com a maior parte das pessoas era feita dessas desvantagens, e quantas vezes, deitado numa cama que não era feita há muito dias, ouvindo a Maga chorar porque um bebé no metro lhe tinha trazido à memória Rocamadour ou vendo-a pentear-se depois de ter passado a tarde inteira em frente a um retrato de Leonor de Aquitânia e estar morta de vontade de se parecer com ela, me ocorria como um género de arrotto mental que esse a-b-c da minha vida era uma penosa estupidez porque se ficava pelo mero movimento dialéctico, pela escolha de uma má conduta em lugar de uma conduta, de uma módica indecência em vez de uma decência gregária. A Maga penteava-se, despenteava-se, voltava a pentear-se. Pensava em Rocamadour, cantava algo de Hugo Wolf (mal), beijava-me, perguntava-me algo sobre o penteado, punha-se a desenhar num papelinho amarelo, e tudo isso era indissolúvelmente ela, enquanto eu ali, numa cama deliberadamente suja, a beber uma cerveja deliberadamente quente, era sempre eu e a minha vida, eu com a minha

2 vida diante da vida dos outros. Porém, ao mesmo tempo sentia-me muito orgulhoso de ser um vadio consciente por baixo de luas e luas, de peripécias inenarráveis onde a Maga e Ronald e Rocamadour, o Clube e as ruas e as minhas doenças morais e outras piorreias, Berthe Trépat e a fome às vezes e o velho Truille que me tirava de apertos, por baixo de noites vomitadas de música e tabaco e infâmias frequentes e arranjos de todos os gêneros, bem por baixo ou por cima de tudo isso não tinha querido fingir, como outros boémios descartáveis, que esse caos de bolso era uma ordem superior do espírito ou qualquer outra etiqueta igualmente apodrecida, e tampouco tinha querido aceitar que bastava um mínimo de decência (decência, jovem!) para sair do meio de tanto algodão sujo. E assim tinha encontrado a Maga, que era minha testemunha e minha espia sem que o soubesse, e a irritação de estar a pensar em tudo isso sabendo que, como sempre, me custava muito menos pensar do que ser, que no meu caso, o *logo* da frasezinha não era assim tão *logo* nem nada que se parecesse, pelo que caminhávamos então ao longo da margem esquerda, a Maga sem saber que era minha espia e minha testemunha, admirando profundamente os meus diversos conhecimentos e o meu domínio da literatura e até de cool jazz, mistérios enormes para ela. Por causa de todas essas coisas eu sentia-me antagonicamente próximo da Maga, gostávamos um do outro através de uma dialéctica de íman e limalha, de ataque e defesa, de bola e parede. Suponho que a Maga tinha ilusões comigo, devia acreditar que eu estava livre de preconceitos ou que me andava a passar os seus, sempre mais levianos e poéticos. Em plena satisfação precária, em plena falsa trégua, estendi a mão e toquei no novelo Paris, na sua matéria infinita enrolando-se sobre si mesma, no magma do ar e daquilo que se desenhava na janela, nuvens e águas-furtadas; nessas alturas não havia desordem, o mundo continuava a ser algo petrificado e estabelecido, um jogo de elementos a rodarem nas suas dobradiças, uma meada de ruas, árvores, nomes e meses. Não havia uma desordem que abrisse as portas ao resgate, havia somente sujidade e miséria, copos com restos de cerveja, meias a um canto, uma

cama que cheirava a sexo e a cabelos, uma mulher que passava a sua mão fina e transparente pelas minhas coxas, retardando a carícia que me arrancaria por uns instantes dessa vigilância do grande vazio. Demasiado tarde, sempre, porque ainda que fizéssemos amor muitas vezes, a felicidade tinha que ser outra coisa, algo talvez mais triste do que essa paz e esse prazer, um ar como que de unicórnio ou de ilha, uma queda interminável na imobilidade. A Maga não sabia que os meus beijos eram como olhos que começavam a abrir-se para lá dela e que eu andava como que saído, concentrado noutra figura do mundo, piloto vertiginoso de uma proa negra que cortava a água do tempo e a negava.

Nesses dias de cinquenta e tal, comecei a sentir-me encurralado entre a Maga e uma noção diferente do que deveria ter acontecido. Era idiota revoltar-me contra o mundo Maga e o mundo Rocamadour quando tudo me dizia que assim que recuperasse a minha independência deixaria de sentir-me livre. Hipócrita como poucos, incomodava-me a espionagem à escala da minha pele, das minhas pernas, da minha forma de sentir prazer com a Maga, dos meus ensaios de papagaio na gaiola a ler Kierkegaard através das grades, e penso que me incomodava sobretudo que a Maga não tivesse consciência de ser minha testemunha e que, pelo contrário, estivesse convencida da minha autoridade soberana; mas não, o que verdadeiramente me exasperava era saber que nunca voltaria a estar tão próximo da minha liberdade como nesses dias em que me senti encurralado pelo mundo Maga, em que a ansiedade por ser livre era um reconhecimento de derrota. Custava-me reconhecer que através de golpes sintéticos ou dicotomias estúpidas e ressequidas não conseguia abrir caminho através da escadaria da Gare de Montparnasse até onde a Maga me arrastava para irmos visitar Rocamadour. Por que não aceitar o que estava a acontecer sem tentar explicá-lo, sem definir as razões da ordem e da desordem, de liberdade e de Rocamadour, como quem distribui vasos com gerânios numa praça da calle Cochabamba? Talvez fosse necessário cair na mais profunda estupidez para acertar com o ferrolho da latrina ou do Jardim das Oliveiras. Naquele momento, admirava-me que a Maga

2 pudesse ter levado a fantasia a ponto de chamar Rocamadour ao seu filho. No Clube tínhamo-nos cansado de procurar, a Maga limitava-se a dizer que o seu filho se chamava como o pai, mas uma vez que o pai tinha desaparecido, o melhor teria sido passar a chamá-lo Rocamadour e enviá-lo para o campo, para que o criassem *en nourrice*. Às vezes a Maga passava semanas sem falar de Rocamadour, e isso coincidia sempre com as suas esperanças de chegar a ser cantora de *lieder*. Nessas alturas Ronald vinha sentar-se ao piano com a sua grande cabeça vermelha de *cowboy*, e a Maga vociferava Hugo Wolf com tanta agressividade que fazia estremecer *madame* Nouguet na divisão do lado, entretida a preparar contas de plástico para vender numa barraca do Boulevard de Sébastopol. Nós gostávamos muito quando a Maga cantava Schumann, mas tudo dependia da lua, do que fôssemos fazer nessa noite e também de Rocamadour, porque assim que a Maga se lembrava de Rocamadour o canto ia para o diabo e Ronald, sozinho ao piano, ficava com o todo o tempo necessário para trabalhar as suas ideias de bebop ou para nos matar docemente à força de blues.

Não quero escrever sobre Rocamadour, pelo menos não hoje; precisava muito de me aproximar mais de mim, de deixar cair tudo aquilo que me separa do centro. Acabo sempre por aludir ao centro sem ter a menor garantia de saber do que falo, cedo à armadilha fácil da geometria com que alegadamente se organiza a nossa vida de ocidentais: Eixo, centro, razão de ser, *Omphalos*, nomes da nostalgia indo-europeia. Mesmo esta existência que às vezes procuro descrever, esta Paris em que me movo como uma folha seca, não seriam visíveis se não vibrasse por trás a ansiedade axial, o reencontro com o fundamento. Quantas palavras, quantas nomenclaturas para um só desconcerto. Por vezes convengo-me de que a estupidez se chama triângulo, de que oito vezes oito é a loucura ou um cão. Abraçado à Maga, essa concreção de nebulosa, penso que tanto sentido há em fazer um bonequinho com miolo de pão como em escrever o romance que nunca escreverei ou em defender com a vida as ideias que redimem os povos. O pêndulo perfaz o seu vaivém instantâneo, e eu

insiro-me uma vez mais nas categorias tranquilizadoras: bonequinho insignificante, romance transcendente, morte heróica. **2**  
Coloco-os por ordem, do menor para o maior: bonequinho, romance, heroísmo. Penso nas hierarquias de valores tão bem exploradas por Ortega e por Scheler: o estético, o ético, o religioso. O religioso, o estético, o ético. O ético, o religioso, o estético. O bonequinho, o romance. A morte, o bonequinho. A língua da Maga faz-me cócegas. Rocamadour, a ética, o bonequinho, a Maga. A língua, as cócegas, a ética.

(-116)



### 3

O terceiro cigarro da insónia queimava-se na boca de Horacio Oliveira sentado na cama; uma ou duas vezes tinha passado levemente a mão pelos cabelos da Maga, adormecida contra ele. Era madrugada de segunda-feira, tinham-se deixado levar pela tarde e noite de domingo a ler, a ouvir discos, levantando-se alternadamente para aquecer o café ou preparar o mate<sup>[1]</sup>. No final de um quarteto de Haydn, a Maga tinha adormecido e Oliveira, sem vontade de continuar a ouvir, desligara a ficha do gira-discos a partir da cama; o disco continuou a rodopiar mais umas quantas voltas sem que qualquer som saísse das colunas. Não sabia porquê, mas aquela inércia estúpida tinha-o feito pensar nos movimentos aparentemente inúteis de alguns insectos, de algumas crianças. Não conseguia dormir, fumava enquanto ia olhando através da janela aberta para as águas-furtadas, onde às vezes um violinista corcunda praticava até muito tarde. Não estava calor, mas o corpo da Maga aquecia-lhe a perna e o lado direito do corpo. Ele afastou-se lentamente e pensou que a noite ia ser longa.

Sentia-se muito bem, como sempre que ele e a Maga conseguiam chegar ao fim de um encontro sem discutirem nem se irritarem. Interessava-lhe muito pouco a carta do irmão, categórico advogado de Rosario capaz de produzir quatro folhas de papel sobre os deveres filiais e familiares esquecidos por Oliveira. A carta era uma verdadeira delícia e já a tinha colado com fita-cola na parede para que os seus amigos a pudessem

---

[1] Mate: chá-mate, feito a partir das folhas de um arbusto da América do Sul. (N. do T.)

apreciar. A única coisa importante era a confirmação de um envio de dinheiro pelo mercado negro que o seu irmão chamava delicadamente «o comissionista». Oliveira pensou que poderia comprar uns livros que andava com vontade de ler e que daria três mil francos à Maga para que ela fizesse o que lhe apetecesse com eles – provavelmente, comprar um elefante de tamanho quase natural em peluche para grande espanto de Rocamadour. Pela manhã, teria de ir a casa do velho Truille para lhe pôr em dia a correspondência da América Latina. Sair, fazer, pôr em dia, não eram coisas que ajudassem a adormecer. Pôr em dia, que expressão. Fazer. Fazer algo, fazer o bem, fazer chichi, fazer tempo, a acção em todas as suas possibilidades. Porém, por trás de toda a acção havia um protesto, porque tudo significava sair de para chegar a, mover algo para que estivesse aqui e não ali, entrar nessa casa em vez de não entrar ou entrar na do lado, ou seja, em cada acto havia a admissão de uma carência, de algo que ainda não fora feito e que era possível fazer, o protesto tácito diante da evidência contínua da falta, da quebra, da escassez do presente. Acreditar que a acção podia preencher ou que o somatório das acções podia realmente equivaler a uma vida digna desse nome era uma ilusão de moralista. Valia mais renunciar, porque a renúncia à acção era o próprio protesto e não a sua máscara. Oliveira acendeu outro cigarro, e essa acção mínima obrigou-o a sorrir ironicamente para si mesmo e a zombar do acto em si. Pouco lhe importavam as análises superficiais, quase sempre viciadas pela distração e pelos enganos linguísticos. A única coisa certa era o peso na boca do estômago, a suspeita física de que algo não estava bem, de que quase nunca tinha estado bem. Nem sequer era um problema; tratava-se antes do facto de se ter negado desde cedo às mentiras colectivas ou à solidão rancorosa dos que se põem a estudar os isótopos radioactivos ou a presidência de Bartolomé Mitre. Se alguma coisa decidira desde jovem tinha sido não se defender mediante a rápida e ansiosa acumulação de uma «cultura», artifício por excelência da classe média argentina para salvar o corpo da realidade nacional e de qualquer outra, e pensando-se a salvo do vazio que

3 a rodeava. Tinha-se livrado de aderir – talvez graças a essa espécie de preguiça sistemática, como a definia o seu camarada Traveler – a uma ordem farisaica (na que militavam muitos amigos seus, no geral bem-intencionados porque isso era possível, havia exemplos), que fugia aos problemas através de uma especialização de qualquer ordem, cujo exercício conferia ironicamente os títulos mais altos da argentividade. Além disso, parecia-lhe arduoso e fácil misturar problemas históricos como o de ser argentino ou esquimó com a problemática da acção e da renúncia. Tinha já vivido o suficiente para suspeitar daquilo que, colado ao nariz de todos, se lhes escapa com maior frequência: o peso do sujeito na noção de objecto. A Maga era das poucas pessoas que nunca se esqueciam de que a cara de um tipo influía sempre na ideia que se poderia fazer do comunismo ou da civilização cretomicénica, e que a forma das mãos estava presente em tudo aquilo que o dono delas pudesse sentir diante de Ghirlandaio ou Dostoievsky. Era por isso que Oliveira admitia que o seu grupo sanguíneo, o facto de ter passado a infância cercado de tios imponentes, uns amores contrariados na adolescência e uma queda para a astenia podiam ser factores de primeira ordem na sua visão do universo. Era de classe média, era *porteño*<sup>[2]</sup>, era *colegio nacional*, e isso não são coisas que se remediem assim de um momento para o outro. O problema é que, à força de temer a excessiva localização dos pontos de vista, tinha acabado por pesar e até aceitar demasiado o sim e o não de tudo, a olhar do fiel os pratos da balança. Em Paris tudo lhe parecia Buenos Aires e vice-versa; no ponto mais afincado do amor, aceitava a perda e o esquecimento. Atitude perniciosamente cómoda e até fácil, em menos de nada convertida em reflexo ou técnica; a lucidez terrível do paralítico, a cegueira do atleta perfeitamente estúpido. Começa-se a caminhar pela vida com o passo pachorrento do filósofo ou do *clochard*<sup>[3]</sup>, os gestos vitais vão-se limitando cada vez mais ao mero instinto de con-

---

[2] *Porteño* – indivíduo natural de Buenos Aires. (N. do T.)

[3] *Clochard* – em francês, sem-abrigo. (N. do T.)

servação, ao exercício de uma consciência mais atenta para não se deixar enganar do que para apreender a verdade. Quietude laica, ataraxia moderada, desatenção atenta. O mais importante para Oliveira era assistir sem desfalecer ao espectáculo dessa divisão Tupac-Amarú, não incorrer no pobre egocentrismo (crioulcentrismo, suburbiocentrismo, cultucentrismo, folclocentrismo) que todos os dias se proclamava em redor dele sob todas as formas possíveis. Aos dez anos, numa tarde de tios e pontificantes homilias histórico-políticas à sombra de uns plátanos, tinha manifestado timidamente a sua primeira reacção contra o tão falado hispano-italo-argentino «Sou eu quem o diz!» acompanhado por um murro conclusivo que devia servir de ratificação iracunda. *Glielo dico io!* Sou eu quem o diz, caralho! Esse *eu*, tinha Oliveira conseguido pensar, que valor tinha ele como justificação? Que omnisciência abrigava o *eu* dos grandes? Aos quinze anos, soubera do «só sei que nada sei», a cicuta concomitante tinha-lhe parecido inevitável, não se desafiavam as pessoas dessa maneira, sou eu quem o diz. Mais tarde, constatou divertido como o peso das autoridades e das influências – assim como a confiança oferecida pelas boas leituras e pela inteligência – produzia também o seu «sou eu quem o diz» finamente dissimulado nas formas superiores de cultura, inclusivamente para aquele que o proferia: agora sucediam-se os «sempre acreditei que», «se de algo estou seguro», «é evidente que», quase nunca compensados com uma análise desapaixorada do ponto de vista oposto. Como se a espécie tratasse de não deixar avançar demasiado o indivíduo no caminho da tolerância, da dúvida inteligente, do vaivém sentimental. A certa altura nascia o calo, a esclerose, a definição: ou preto ou branco, ou radical ou conservador, homossexual ou heterossexual, figurativo ou abstracto, San Lorenzo ou Boca Juniors, carne ou verduras, os negócios ou a poesia. E era assim que deveria ser, porque a espécie não podia confiar em tipos como Oliveira; a carta do seu irmão era a expressão exacta dessa repulsa.

«O mal de tudo isto», pensou, «é o facto de ir desembocar inevitavelmente no *animula vagula blandula*. O que fazer? Comecei a não dormir por causa desta pergunta. Oblomov, *cosa facciamo?*

3 As grandes vozes da história instam à acção: *Hamlet, revenge!* Vingamo-nos, Hamlet, ou tranquilamente Chippendale, chinelos e uma boa lareira? Afinal de contas, é sabido que o sírio elogiou escandalosamente Marta. Dás luta, Arjuna? Não podereis negar os méritos, rei indeciso. A luta pela própria luta, viver perigosamente, pensai em Mário o Epicuro, em Richard Hillary, em Kyo, em T.E. Lawrence... Felizes os que escolhem, os que aceitam ser escolhidos, os esbeltos heróis, os esbeltos santos, os escapistas perfeitos.»

Quem sabe. E por que não? Mas também podia ser que o seu ponto de vista fosse o da loba a olhar para as uvas. E podia até ser que tivesse razão, mas uma razão mesquinha e lamentável, uma razão de formiga contra cigarra. Se a lucidez terminava na inacção, não se tornava ela suspeita? Não encobria ela uma forma de cegueira particularmente diabólica? A estupidez do herói militar que rebenta com a pólvora, Cabral, soldado heróico e coberto de glória, insinuavam talvez uma supervisão, uma apresentação instantânea diante de algo absoluto, para lá de toda a consciência (não se pede isso a um sargento), frente ao qual a clarividência vulgar e a lucidez de quarto às três da manhã na cama e a meio de um cigarro eram menos eficazes do que as de uma toupeira.

Oliveira falou de tudo isso à Maga, que tinha acordado e se encolhia contra ele enquanto ia miando, sonolenta. A Maga abriu os olhos, ficando a pensar.

– Tu não podias – disse ela. – Pensas demasiado antes de fazer o que quer que seja.

– Parto do princípio que a reflexão deve preceder a acção, tontinha.

– Partes do princípio – disse a Maga. – Que complicado. Tu és como uma testemunha, és como o que vai ao museu e olha para os quadros. O que eu quero dizer é que os quadros e tu estão ali, no museu, aproximados e distantes ao mesmo tempo. Eu sou um quadro, Rocamadour é um quadro. Etienne é um quadro, este quarto é um quadro. Tu pensas que estás neste quarto, mas não estás. Tu estás a olhar para o quarto, mas não estás no quarto.

– Esta rapariga deixaria São Tomás boquiaberto – disse Oliveira. **3**  
– Porquê São Tomás? – disse a Maga. – O idiota que queria ver para crer?  
– Sim, querida – disse Oliveira, pensando que na verdade a Maga tinha invocado o santo certo. Feliz dela, que podia crer sem ver, que formava um corpo com a duração, com o fluxo da vida. Feliz dela, que estava dentro do quarto, que tinha direito de cidade sobre tudo o que tocava e onde ela vivia, peixe pelo rio abaixo, folha na árvore, nuvem no céu, imagem no poema. Peixe, folha, nuvem, imagem: exactamente isso, a não ser que...

(-84)

**«Sei que um dia cheguei a Paris,  
sei que andei uns tempos a viver  
do que me era emprestado,  
a fazer o que os outros fazem  
e a ver o que os outros vêem.  
Sei que estavas a sair de um café  
da rue du Cherche-Midi e que  
conversámos. Nessa tarde,  
correu tudo mal (...).»**

ISBN 978-989-623-079-1  
9 789896 230791



cavalo de ferro